

Encontrando as mulheres nos vãos da história

Maria Aparecida de Moraes Silva¹

Resumo: O objetivo do presente artigo é dar visibilidade ao papel desempenhado por mulheres que viveram nas primeiras décadas do século XX na cidade de São Carlos, cuja importância econômica advinha da cafeicultura e também de inúmeras atividades urbanas – comerciais e industriais. A metodologia empregada baseou-se na coleta de dados em vários arquivos, além da história oral, cujo emprego permitiu não somente complementar as lacunas existentes dos documentos escritos como também, em alguns casos, revelou aspectos subterâneos da realidade social ofuscados pela história oficial.

Palavras-chave: trabalho feminino; memória e história; café e industrialização; Brasil: séculos XIX e XX.

Finding women in the empty spaces of history

Abstract: *This article aims at highlighting the role played by women in the first decades of the 20th century in São Carlos. Its economic importance was based on the coffee cultivation and various other urban activities – commercial and industrial. The methodology used was based on data collection in various files in addition to oral history, which not only enabled to complement gaps in written documents but also, in some cases, to reveal other aspects of the social reality overshadowed by the official history.*

1 Colaboradora do PPGS da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar e do PPG/Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Pesquisadora do CNPq - São Carlos, Brasil - maria_moraes@terra.com.br

Keywords: *Female work; memory and history; coffee and industrialization; Brazil: 19th and 20th Centuries.*

A historiografia brasileira - especialmente aquela dedicada aos temas paulistas, referente ao período histórico caracterizado pela substituição do trabalho escravo para o trabalho livre e, conseqüentemente, a imigração, nos finais do século XIX e início do XX- refere-se, majoritariamente, à economia cafeeira e seus desdobramentos, como a expansão das linhas férreas, a urbanização e industrialização (Holloway, 1984; Fausto, 1991; Stolcke, 1986; Martins, 1976; Cano, 1981; Milliet, 1939 etc.). Existe também uma expressiva produção bibliográfica concernente a esse período histórico levando-se em conta determinadas cidades do interior paulista, tais como, Rio Claro (Dean, 1977); São Carlos (Truzzi, 1990, 2000; Madureira, 1989); Araraquara (Lorenzo, 1979); dentre outras.

Apesar da importância desses estudos, observa-se que uma análise privilegiando o recorte de gênero nem sempre foi contemplada. Essa história em geral foi escrita no masculino. As mulheres permanecem nas sombras dos grandes acontecimentos históricos. Mais recentemente, em razão dos estudos feministas, essa lacuna vem sendo em parte preenchida por pesquisas que visam retirar as cortinas atrás das quais permaneciam escondidas as mulheres cafeicultoras (Maluf, 1995) e as colonas (Stolcke, 1986; Silva, 2008; Andriolli, 2005; Bassanezi, 1990a; 1990b). Outras lacunas podem ser elencadas, tais como, a inserção das mulheres e homens negros no mercado de trabalho rural e urbano após a escravidão (Silva & Dias, 2002; Silva & Appolinário, 2005) e também aqueles/as que viviam nas cidades, onde várias atividades urbanas e industriais se desenvolviam.

O intento do presente artigo é trazer alguns dados de pesquisa referentes ao papel desempenhado por mulheres que viveram nas primeiras décadas do século XX na cidade de São Carlos, cuja importância econômica advinha da cafeicultura e também de inúmeras atividades urbanas – comerciais e industriais². A metodologia empregada baseou-se na coleta de dados em vários arquivos, além da história oral³, cujo emprego permitiu não somente complementar as lacunas

2 No ano de 2000, tive a oportunidade de orientar as seguintes monografias no curso de História da UNICEP: Andréia Peres Appolinário: Recontando as lembranças de negros em São Carlos do Pinhal no início do século XX. Janaína Dias: Crime e suicídio no final da escravidão em São Carlos do Pinhal. Patrícia Rodrigues Lisboa da Silva: A indústria Facchina em São Carlos. Um pouco de sua história. Vanessa Marcelino Rodrigues: A condessa do Pinhal: em busca de uma história. O presente artigo está ancorado nos dados levantados por essas duas últimas pesquisas.

3 Foram feitas várias pesquisas nos jornais e em outros documentos da Biblioteca Municipal e da Câmara de São Carlos, no Arquivo fotográfico da UNICEP, no Arquivo particular do Sr Viriato Facchina, no Arquivo da USP de São Carlos, no Arquivo da Fazenda Santa Maria, na Hospedaria dos Imigrantes na cidade de São Paulo e no Arquivo Público da cidade de São Paulo. Além dos depoentes residentes na cidade,

existentes dos documentos escritos como também, em alguns casos, revelou aspectos subterrâneos da realidade social ofuscados pela história oficial. Neste sentido, em todos os casos estudados, as perguntas, cujas respostas não foram encontradas nos documentos escritos dos respectivos arquivos, suscitaram a necessidade da busca de outras fontes escritas e orais, bem como outros arquivos locais e em outras cidades.

Nos limites do presente texto, serão apresentadas algumas reflexões sobre a experiência de duas mulheres, provenientes das classes dominantes – Dona Adele Facchina, esposa do senhor Facchina, então falecida, cujos fragmentos de sua trajetória foram relatados por sua filha, a senhora Alda Facchina, e a condessa Anna Carolina, esposa do conde do Pinhal, grande fazendeiro de café e um dos homens mais ricos do estado de São Paulo nos finais do século XIX e início do XX. Ainda que no caso da senhora Facchina as informações sejam bem reduzidas, a importância de trazer à luz os fragmentos de sua vida insere-se numa visão não normativa da história, ou seja, levando-se em conta as diferenças e a multiplicidade de visões acerca da realidade social. O conceito de experiência de Thompson (1978: 182) foi a principal ferramenta para a descoberta das mulheres.

“Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura... das mais complexas maneiras... e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre a situação determinada”.

O conceito de experiência thompiano remete à ação do sujeito, inserido em relações sociais determinadas, que podem ser relações de classes, ou outras, embora não explicitadas pelo autor, como relações de gênero, raça/etnia. O que é importante reter é o emprego do verbo ‘tratar’, ao referir-se à experiência impressa na consciência e na cultura, portanto aos sujeitos. Para Thompson experiência significa “ser social”, isto é, as realidades da vida social, especialmente os domínios da família e da religião e as demais dimensões simbólicas. Vale a pena aqui se remeter a Scott (1999: 33) para quem “*não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência*”.

foram entrevistados um senhor negro com 116 anos na cidade de Rincão/SP, e uma senhora negra com 80 anos na cidade de Altinópolis/SP.

Essa autora, muito embora partilhe das ideias de Thompson, na medida em que ele colocou em questionamento a interpretação estruturalista do marxismo, por meio da negação dos sujeitos históricos, mostra que para as classes sociais não há um ponto de chegada pré-determinado, que seria a consciência de classe. Ao contrário. A experiência vai constituindo as identidades e visões de mundo que, como mostra a história, estão em constante mudança.

Os achados dessa pesquisa revelam a experiência feminina calcada no trabalho dentro e fora da casa, portanto, nos espaços público e privado. No que tange à indústria Facchina, a descoberta deste objeto de estudo ocorreu a partir da observação de uma antiga torre da chaminé dessa indústria, então, rodeada por matagais⁴, localizada ao lado de uma das marginais da cidade de São Carlos. Após décadas, a torre fora a única parte das instalações que resistiu ao tempo e às destruições. Apesar de isolada, descontextualizada, abandonada, ela parecia dizer aos transeuntes que ali existira uma história. Enquanto materialidade, ela simbolizava um passado que, à primeira vista, parecia morto, sepultado pelos matagais. Essa torre representou, portanto, o farol para as investigações. Às primeiras indagações foram encontradas respostas por meio de um conjunto de fotos existentes no Arquivo fotográfico da UNICEP. Aquela torre era parte da Indústria Facchina de colas e adubo de uma das mais importantes da cidade e região, nas primeiras décadas do século XX. Após a localização das fotos, houve a necessidade da busca de depoentes para a leitura das mesmas. Inicialmente, foi contatada uma das filhas do Sr. Facchina, a qual não soube dar todas as informações requeridas, porém, forneceu um relato oral a respeito de alguns pontos da trajetória familiar do avô, desde a saída da Itália em 1886 e também de seu pai e de sua mãe. Um dos dados importantes desse depoimento refere-se ao papel desempenhado por sua mãe, não somente em relação ao trabalho tradicionalmente reservado às mulheres, como também ao trabalho fora da casa, nas fábricas do casal. Esse dado, ao revelar a existência das duras condições de trabalho, com a participação feminina, é importante para rever a história das primeiras indústrias da cidade. Havia por parte de todos os imigrantes a esperança de enriquecimento, *de fazer a América*, algo baseado na ideologia existente à época (Martins, 1967). A literatura historiográfica mostra que o trabalho aliado à poupança era uma forma de lograr o enriquecimento, bastante semelhante aos escritos de M. Weber sobre a ética do trabalho. No entanto, nota-se

4 Em 2008, a Prefeitura Municipal construiu o complexo viário Parque da Chaminé revitalizando, assim, a área em torno do último vestígio da fábrica Facchina. Na ocasião, foi prestada homenagem a Carlos Facchina, cujo nome foi emprestado a este sítio. <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias/2008>. Acesso em 02/04/2012.

um vazio nos estudos sobre as primeiras indústrias quanto à participação do trabalho feminino e familiar, como foi mencionado acima.

Infelizmente, não foi possível realizar um estudo sobre a trajetória familiar dos Facchina porque a depoente, por problemas de saúde, não pôde fornecer muitas informações. Em razão dessa situação, foi entrevistado um dos seus filhos que acrescentou mais alguns dados sobre as fotos e também sobre a indústria, além de permitir a consulta dos livros de contabilidade no seu Arquivo particular.

Os achados desse Arquivo dizem respeito ao crescimento da indústria no tocante ao capital, lucros, empregados, salários e novos investimentos. Trata-se de fontes inéditas que, associadas àquelas advindas da história oral - relatos orais, fotos - e das monografias e teses existentes sobre esse período histórico da cidade de São Carlos, acabaram por permitir a realização das primeiras interpretações sobre o trajeto dessa indústria, bem como alguns fragmentos da participação feminina.

No que concerne à Condessa do Pinhal, o material de pesquisa foi, sobretudo, a correspondência escrita pelo Conde à sua esposa durante o período de 1864 e 1901. Todas as cartas já estavam transcritas e compiladas, o que facilitou sobremaneira a análise das mesmas. Num primeiro momento, foram lidas todas as cartas. Em seguida, optou-se por descobrir nessa fonte, não propriamente, a figura do Conde, mas a da Condessa, mulher da elite cafeeira, cuja existência de mais de um século (1841-1945) abarcou um importante momento histórico da cidade e do estado de São Paulo.

Foram consultadas várias obras de historiadoras feministas, embora a que mais tenha aproximado da temática foi a de Maluf (1995), cujo conteúdo versa sobre as cartas e diários de duas importantes fazendeiras de café dessa região. Do mesmo modo que a documentação existente na Fundação da Casa do Pinhal silencia sobre os escravos, também a história das mulheres que lá viveram - até mesmo a da Condessa - não há registro, com a diferença de que a história das mulheres não foi escrita e a história dos escravos foi destruída⁵.

Assim sendo, tratou-se de descobrir a mulher por meio dessa fonte indireta, já que as cartas foram escritas pelo marido. No entanto, aos poucos, foi possível

5 A fazenda Pinhal, pertencente ao Conde do Pinhal, hoje tombada pelo Patrimônio Histórico, possuía uma significativa escravaria, não preservou nenhum documento sobre os escravos, sem contar que a antiga senzala fora totalmente remodelada, sendo utilizada, até alguns anos atrás, para festas! O silêncio em relação ao passado escravagista aparece no site: "**Fazenda Pinhal** - declarada **Patrimônio Histórico Nacional**, a histórica fazenda é uma viagem à aristocracia rural paulista do início do século XIX. Guias treinados promovem **visitas às instalações da Fazenda**, pelo seu imenso pomar, casarão, terreiro de café, pavilhão do antigo engenho e tulha-mestra com a máquina de beneficiamento de 1885, em pleno funcionamento". [Http://www.fazendapinhal.com.br](http://www.fazendapinhal.com.br). Acesso em 02/04/2012.

romper com a invisibilidade da mulher, e, até mesmo, questionar a imagem produzida por outros documentos encontrados, como jornais e cartas escritas por parentes, nos quais, ela aparece como o símbolo da singeleza, da fragilidade, da meiguice, além de ser uma mulher totalmente devotada ao marido, aos doze filhos, às dezenas de netos, bisnetos, sem contar que, à época da escravidão, era representada como a *madrinha de todos os negros*.

A pesquisa revelou não a imagem da ociosidade das mulheres das elites brasileiras, frequentemente satirizadas pelos viajantes estrangeiros e artistas como matronas, gordas, cujo único sentido da vida era a procriação e o controle da escravaria doméstica. Tal como os achados de Marina Maluf, a Condessa desempenhou muitas atividades na fazenda, dentre elas, a administração, em virtude dos grandes períodos de absenteísmo do marido. Tal fato analisado pela historiografia brasileira como algo negativo das oligarquias agrárias, não o foi, então, a partir da seguinte pergunta. Quem assumia todos os encargos com a escravaria, com a produção cafeeira e os demais afazeres, sem contar aqueles da casa? A resposta encontrada pela historiadora Marina Maluf foi a de que as mulheres de dois importantes fazendeiros paulistas assumiram todas as responsabilidades durante suas ausências, algo que também parece ter acontecido em relação a Anna Carolina, segundo as incumbências recebidas, por meio das cartas, de seu marido.

O resgate da história das mulheres, segundo Mary Del Priore (1997: 9) serve “(...) para fazê-las existir, viver e ser”. A mulher, para a história, muitas vezes, torna-se invisível, principalmente, devido ao fato de a história ao longo dos anos ter sido contada numa perspectiva masculina e é fato inegável que o acesso ao espaço público à mulher tem sido negado. E não é somente o espaço público que lhe é negado, segundo Del Priore (idem) “(...) a narrativa histórica tradicional reserva-lhes pouco espaço, justamente na medida em que privilegia a cena pública – a política, a guerra – onde elas pouco aparecem”.

Com as transformações socioeconômicas a visibilidade social das mulheres vem conquistando espaço na esfera pública. No trabalho de recuperação da participação das mulheres na história, uma ferramenta que tem ajudado muito é a categorização do gênero, que mostra as diferenças entre homens e mulheres, o que contribuiu para se repensar o devido lugar das mulheres, colocando-as e situando-as no processo histórico. Para Scott “(...) com a apropriação da categoria ‘gênero’ nas análises historiográficas e a ‘criação do fato histórico’, a História das Mulheres ganhou historicidade” (1999: 15).

Nas brechas da história, a presença feminina.

A justificativa da escolha da Indústria Facchina, como foi dito acima, está relacionada ao fato da observação das antigas ruínas da indústria, localizada na Avenida Marginal, próximo ao Fórum, na Vila Monteiro em São Carlos.

Nos arquivos da Fundação Pró Memória, uma das dificuldades encontradas foi em relação à escrita dos nomes, pois, o sobrenome FACCHINA aparece escrito nos documentos de diferentes formas. Isso ocorre devido ao grande número de analfabetos e da pronúncia errada do nome. No que se refere à Indústria Facchina, poucas foram as informações encontradas. No entanto, foi por meio delas que se tomou conhecimento de uma das filhas do senhor Facchina, dona Alda. Esse fato foi importante na medida em que permitiu a utilização de outra fonte de pesquisa, a história oral, capaz não somente de complementar as lacunas existentes, como também reconstruir a história. Por meio do depoimento de dona Alda foram obtidas informações sobre a vida de seu pai, seu trabalho juntamente com sua mãe para construir um grande patrimônio⁶.

A compreensão da história dessa indústria em São Carlos no início do século XX se faz no contexto da história da cidade, fundada em meados do século XIX, graças ao desenvolvimento da cultura cafeeira. Em 1857 foi criado o Distrito de Paz e a Subdelegacia de São Carlos do Pinhal. Em 1865 tornou-se vila, pois contava com aproximadamente 10 quarteirões distribuídos ao redor da capela. Em um recenseamento feito em 1874, a vila já contava com 6897 habitantes, mais de dois terços da população de Araraquara de que fora distrito. Em 1886, já possuía 16.104 habitantes (Truzzi, 2000). Em 1880 foi elevada à categoria de cidade. A partir de 1889, já contava com telefones, água potável, encanamento de esgoto e luz através da energia elétrica. Em 1908, a companhia ferroviária foi autorizada a trabalhar a mando do Conde do Pinhal, o que garantiu o rápido desenvolvimento da cidade. Em apenas 12 anos, sua população mais que duplicou. Este fato está relacionado à expansão da economia cafeeira e às mudanças nas relações de trabalho, à abolição da escravidão e à vinda de milhares de imigrantes, principalmente italianos.

6 Outra fonte utilizada foram algumas fotos da indústria do acervo da UNICEP. A leitura destas fotos foi feita pelo filho de dona Alda, o senhor Viriato Facchina Nunes, e um primo, o senhor Devile. Para cada foto foi organizada uma ficha técnica, contendo a descrição da mesma com as seguintes informações: local, data, fonte, descrição do cenário, legenda. Por último, foi reservado um espaço para as observações do pesquisador. Além destas fontes, foram consultados os livros-caixas da antiga indústria, hoje guardados pelo neto, senhor Viriato, cujas informações são inéditas e tratam do capital, lucros e empregados. Sobre a presença urbana dos italianos em São Carlos, ver as fotos organizadas por Truzzi (2000: 96-97).

No município de São Carlos, o primeiro grupo de imigrantes de que se tem conhecimento, foi trazido em 1876 por iniciativa particular de Antônio Carlos de Arruda Botelho, conde do Pinhal, que financiou a vinda de 100 famílias alemãs que se instalaram em suas fazendas numa colônia para este fim construída. Porém, São Carlos não foi a pioneira, pois Rio Claro já vinha praticando esse tipo de imigração. Em 1872, cerca de 20% da população de Rio Claro era constituída por alemães e suíços (Truzzi, 2000). É no início de século XX que há uma grande vinda de imigrantes para o Brasil, graças à imigração subvencionada pelo governo. O destino era as fazendas de café no interior de São Paulo⁷. Os números da entrada de imigrantes podem ser vistos no quadro abaixo.

Quadro 1: Entrada de Imigrantes Italianos em São Paulo

Períodos	<i>Total</i>	<i>Italianos</i>	<i>%</i>
1820/1829	955	-	-
1830/1839	304	-	-
1840/1849	649	-	-
1850/1859	6.310	-	-
1860/1869	1.681	-	-
1870/1879	11.330	3.411	30.10
1880/1889	183.504	144.654	78.82
1890/1899	734.985	430.243	58.53
1900/1909	367.834	174.634	47.47
1910/1919	446.582	105.834	23.69
1920/1929	487.253	74.778	16.75
1930/1939	198.122	12.429	6.27
1940/1949	54.001	9.519	17.62

Fonte: Memorial do Imigrante/São Paulo.

No tocante a São Carlos no período de 1901 a 1920, os imigrantes italianos eram, de longe, os mais representativos: 91.333; os espanhóis 5.506; os portugueses

7 Os colonos recebiam pagamento pelo número de pés de café cultivados, pelo volume de café colhido mais um salário por dia de trabalho, todos trabalhavam: homens, mulheres e crianças, para assim aumentarem sua renda. Podiam também plantar alimentos para a sua subsistência e o excedente podia ser vendido. (Bassanezi, 1990a: 339.)

2.215; os japoneses 151; os austríacos, 78; os alemães 50; os suíços 10, além de outros. Nesse período, o total de imigrantes foi 16.734. (Madureira, 1989:79).

Com o passar do tempo, houve muitos descontentamentos por parte dos trabalhadores que viviam nas fazendas de café em razão das más condições de trabalho, dos contratos de trabalho, das dívidas assumidas em virtude dos altos preços cobrados pelos armazéns das fazendas (Alvim, 1986). Essas e outras inúmeras queixas acabaram provocando repercussões negativas na Itália, ocasionando na proibição na vinda de imigrantes com passagens subsidiadas. Muitos voltaram para a Itália. Outros foram para as cidades ou outros países. Em pouco tempo, começam a surgir nas cidades oficinas, fábricas e um grande aumento de estabelecimentos comerciais. Em São Carlos aparecem fábricas de macarrão, bebidas, fogos, cadeiras e um curtume, sem contar o aumento do número de alfaiatarias. A grande maioria de proprietários desses estabelecimentos urbanos era constituída por imigrantes (Madureira, 1989).

A origem do pecúlio desses imigrantes era proveniente de seu país de origem, como por exemplo, Matarazzo (Martins, 1976). Foram poucos aqueles que conseguiram acumular algum pecúlio trabalhando nas fazendas. Em São Carlos, praticamente nenhum dos imigrantes bem-sucedidos no comércio ou na indústria empregou-se inicialmente como colono (Truzzi, 2000: 145-169). Houve, entretanto, alguns filhos de colonos que, após a maioridade, transferiram-se para a cidade e buscaram aí alternativas de emprego. A maior parte dos industriais e comerciantes bem-sucedidos em São Carlos pertenciam à classe média, possuía alguma experiência com o ramo e dispunha de algum capital. Mas houve alguns, cuja origem era bastante modesta. Foi o caso do imigrante italiano, Carlos Facchina, um pioneiro da indústria em São Carlos, realizador de grande fortuna.

Segundo o relato de Dona Alda, em 1886 desembarcara no porto de Santos o casal Luiz Facchina e Catharina Facchina, com seus dois filhos, Carlos Facchina, de oito anos, e Menotti Facchina, de cinco anos. Eram originários de Treviso, norte da Itália. Carlos nasceu em Gênova, em 1878. Uma tragédia acontecera na viagem e a filha mais nova do casal Mariana, com apenas três anos, morreu de febre amarela e foi lançada ao mar.

Luiz Facchina veio para o Brasil com recursos próprios e não na condição de colono, mas com a mesma ideologia de todo o imigrante que era a de fazer fortuna, ter seu próprio negócio e enriquecer. Chegando a São Paulo, Luiz reviu um amigo padre, que lhe deu abrigo e a sua família em uma casa da Igreja, além de lhe conseguir um trabalho de entalho na Igreja Coração de Jesus, em São Paulo. Mas ele veio a falecer logo em seguida devido a uma queda dos andaimes da Igreja. Dona Catharina, então, criou sozinha e em uma terra desconhecida seus

dois filhos, mudando-se para a Hospedaria do Imigrante, pois teve que sair da casa, porque o padre teria que abrigar outra família para trabalhar nos entalhos. Enquanto morava na hospedaria, Dona Catharina fazia balas vendidas pelos seus filhos no cinema. Dona Alda, ao lembrar esta passagem contada por sua mãe, ri: (...) *elas, muitas vezes, comiam todas as balas antes mesmo de vender*. A família, em razão das dificuldades financeiras muda-se para um cortiço de italianos no Bom Retiro. Carlos Facchina, o filho mais velho, inicia-se no trabalho, ainda adolescente, numa fábrica de fósforos na Vila Mariana.

Por volta de 1896, espalha-se a notícia em São Paulo de que havia a necessidade de trabalhadores no Oeste Paulista para a lavoura de café. A família muda-se, então, para São Carlos do Pinhal, onde Carlos Facchina torna-se aprendiz numa fábrica de móveis de David Cassinelli, também imigrante italiano. Antes, tornara-se vendedor ambulante de charutos em um circo de cavalinhos. Com o passar dos anos, seu patrão comprou maquinarias mais sofisticadas para a fábrica, vendendo as antigas a Carlos Facchina, por preços muito baixos. Assim ele começa sua vida como um industrial, fabricando camas e colchões. Os colchões eram feitos por sua mãe e entregues à noite aos compradores por Carlos. No ano de 1899, casa-se com Adele Braghini, uma imigrante italiana⁸ nascida em Verona, com quem tem oito filhos, *uma mulher muito empreendedora, e que sempre esteve ao lado do marido ajudando a cuidar dos negócios, enquanto ele viajava para Europa a fim de comprar máquinas para sua indústria*. Foi seu braço direito, até a sua morte em maio de 1927, vítima de câncer de mama. Carlos funda uma torrefação de café na Rua General Osório esquina com a Rua Episcopal, e, ao mesmo tempo, uma fábrica de presunto e salame, e que, mais tarde em 1907, torna-se uma fábrica de gelo, a primeira e única da região. A família morava nos fundos, onde possuía ainda um comércio de mercadorias europeias, que abastecia a cidade e a região, administrada pela sua mulher. O capital de Facchina nessa época era de 2:000.000 (Madureira, 1989).

Dona Alda lembra a imagem que tinha da janela de seu quarto, vendo sua mãe na mercearia, com um lápis atrás da orelha, fazendo o fechamento do dia, sempre trabalhando e controlando todas as atividades comerciais, *nada se fazia sem ela*. Outra imagem que Dona Alda lembra é a de sua mãe carregando as barras de gelo nas costas quando seu pai não estava. Apesar da

8 Os documentos do Registro Paroquial (1870-1930) acusam que 65,0% dos homens italianos casaram com italianas, enquanto 81,9% destas uniam-se aos seus conterrâneos. A documentação do Registro Civil (1890-1930), como era de se esperar, aponta a mesma tendência, mas com proporções mais reduzidas, ou seja, 61,4% e 77,4% dos homens e mulheres italianos respectivamente escolheram o seu parceiro conjugal no interior de seu grupo nacional (Bassanezi, 1990 b:272).

doença que sofrera, ela trabalhava muito até mesmo carregando o gelo que fabricavam, cujo peso era, em média, até 25 Kg. Dona Adele primeiramente passava a barra na serragem e depois a embrulhava no jornal para não derreter, subia as escadarias com a barra e a colocava na carroça para ser entregue no Hospital da Santa Casa.

Esse é um exemplo de que o trabalho das mulheres aparece embutido no trabalho dos homens, pois o trabalho não era individualizado. Tantos os colonos, nas fazendas, como os trabalhadores nas oficinas e pequenas fábricas, eram trabalhadores familiares. Tal situação contribuía para reforçar a ideologia do esforço coletivo da família como forma de ascensão social (Silva, 1997: 554-578). O trabalho das mulheres só pode ser resgatado, com dificuldades, por meio da história oral. Trata-se de um trabalho invisível, ocultado pela história, como afirma Michèle Perrot (1988). Conforme o dito popular, *atrás de um grande homem, uma grande mulher*, na verdade, o que se tem com esse exemplo é que ao lado de um grande homem, uma grande mulher que, além da criação dos oito filhos, foi responsável pelo trabalho pesado na fábrica e também pela administração dos estabelecimentos durante os períodos de ausência do marido.

Dando sequência a essa trajetória ascendente, em 1916, juntamente com Miguel Giometti, também imigrante italiano, foi criada a firma FACCHINA & GIOMETTI, de fabricação de colas e adubos, atividade esta pioneira no Brasil. Segundo o relato de Dona Alda, ao lado da indústria havia as casas dos operários, além da roça de milho plantada por eles. As vilas operárias ao lado das fábricas no início do século XX existiram em outras cidades brasileiras, sobretudo em São Paulo.

Além dessa indústria, Carlos Facchina mantinha uma fábrica de salsichas na Rua Episcopal. Mais tarde, instalam-se as indústrias de pregos, arames e peanhas. A sociedade com Giometti foi dissolvida no final da década de 1920, cabendo a Carlos Facchina, a fábrica de colas e adubos. Ele manteve a indústria de colas e adubos juntamente com seus filhos e genros até meados de 1965, quando a cola de origem animal foi substituída pela tecnologia moderna, como as colas frias, por preço mais vantajoso e facilidades de uso. Carlos Facchina mudou-se para São Paulo, onde viveu em companhia de sua filha Odila até sua morte no dia 19 de abril de 1972.

Além das informações conseguidas pelos relatos orais, foi possível a consulta aos livros-caixa das indústrias Facchina. Os dois quadros abaixo demonstram a grandiosidade das indústrias, não somente no tocante ao volume de capital, lucros, número de operários, como também à importância política, dado que numa das fotos analisadas há a presença do Cônsul Italiano no Brasil durante as comemorações de inauguração de uma de suas instalações.

Quadro 2: Demonstrativo das Indústrias Facchina 1916-1930 (em contos de réis)

Ano	N. trabalhadores (média anual)		Máquinas	Lucro	Capital
	homem	mulher			
1916	-	-	68:540.500	43:533.230	136:500.000
1917	38	-	63:983.500	172:291.430	136:500.000
1918	36	-	67:875.270	141:818.600	232:000.000
1919	34	-	65:017.470	118:756.790	232:000.000
1920	55	17	264:761.310	206:238.560	420:720.000
1921	47	23	271:335.860	215:587.050	420:720.000
1923	78	21	-	-	-
1928	72	19	-	-	-
1930	-	-	567:275.558	459:413.359	1.051:102.659

Fonte: Livros de Caixa das Indústrias Facchina.

- 1916-1919 Diário da Casa Industrial da Facchina e Giometti, estabelecidas em São Carlos no fim da Rua general Osório.
- 1920-1921 Sociedade Industrial e Comercial de São Carlos de Facchina, Giometti e Picchi. (nota-se o aparecimento do trabalho feminino a partir de 1920)
- 1923 Sociedade Industrial de São Carlos de Facchina e Giometti
- 1928/1930 Estabelecimento Industrial e Comercial de São Carlos de Carlos Facchina.

Quadro 3: Salários relativos ao ano 1928 – Indústrias Facchina

Salários	N. homens	N. mulheres
Até 40:000	08	10
De 41:000 a 60:000	04	04
De 61:000 a 80:000	08	01
De 81:000 a 100:000	07	03
De 101:000 a 120:000	14	01
De 121:000 a 140:000	09	-

De 141:000 a 160:000	05	-
De 161:000 a 180:000	08	-
De 181:000 a 200:000	05	-
Mais de 200:000	04	

Fonte: Livro de Caixa do Estabelecimento Industrial e Comercial de São Carlos de Carlos Facchina

Os dados do quadro 3 revelam as diferenças salariais entre homens e mulheres. Quase a metade delas (10) recebia salários mais baixos que os homens. As demais recebiam salários situados entre as faixas entre 41:000 a 60:000 e 101:000 a 120:000. Elas não aparecem nas faixas superiores. Ao contrário, quase dois terços dos salários masculinos se situam nas faixas superiores entre 121:000 a 140:000 e mais de 200:000. Esses dados fornecem contribuições para a história da industrialização na cidade de São Carlos e também do estado de São Paulo, que, ao contrário de alguns estudos, mostram que tal processo somente não se verificou após 1930 com a queda da economia cafeeira, mas teve início bem antes.

Outra informação importante é a presença feminina no espaço das fábricas, enquanto operárias e também na contribuição da constituição do capital e do patrimônio das primeiras fábricas. De qualquer forma, a ética do trabalho para acumular riquezas foi um elemento importante entre os imigrantes italianos neste momento no Brasil.

Quase sempre condenadas à reclusão dos espaços domésticos, apagadas da história do universo fabril, as mulheres nesta pesquisa foram sendo descobertas nas brechas, nos vãos dos dados quantitativos da fábrica e também, no caso de Dona Adele, nos fragmentos da memória de sua filha, Dona Alda. Do mesmo modo, foi possível perceber no rol dos salários pagos, a discriminação das operárias.

Sobre a trajetória de Carlos Facchina, Truzzi afirma:

O fato de Facchina ter se empregado em circo para chegar a São Carlos sugere a saga daqueles que, desprovidos de toda fortuna, buscavam a qualquer custo a sorte numa cidade grande. O episódio é significativo porque Facchina encarnou com sua trajetória o mito daqueles que, ‘vindos lá de baixo’ (...), tornaram-se prósperos em seus empreendimentos, legitimando dessa forma os discursos interessados em realçar a existência de um grande número de oportunidades ao alcance de todos os imigrantes. (Truzzi, 2000:153).

Sob o envelope das cartas escritas pelo marido, descobre-se a mulher

A categorização dos gêneros, como observou Marina Maluf (1995), é reconhecida como uma construção social que destina o homem e a mulher num lugar na sociedade. O lugar que a mulher ocupa na sociedade é determinado pela atividade que exerce. A rotina da vida das mulheres de fazendeiros no século XIX era a de gerar filhos, criá-los, educá-los, cumprir as tarefas domésticas, administrar a fazenda e os escravos. Todos esses afazeres, muitas vezes, eram exercidos sem a presença do homem. Assim, Anna Carolina foi uma mulher como muitas outras fazendeiras, que administrou a fazenda na ausência do marido. Ela exerceu o típico papel das mulheres do século XIX, no qual eram criadas para ter filhos e cuidar da casa. Para entender melhor a história da Condessa do Pinhal, há necessidade de relacionar sua trajetória com a Fazenda do Pinhal e a cidade de São Carlos.⁹

A cidade de São Carlos foi fundada em 1857, por Antonio Carlos de Arruda Botelho, o futuro Conde do Pinhal, ainda não casado com a Condessa do Pinhal. A ocupação das terras, que originaram a cidade de São Carlos, foi feita com a doação de Sesmarias. Carlos Bartholomeu de Arruda Botelho obteve duas Sesmarias nos campos de Araraquara e uma terceira foi requerida pelo seu filho, Manuel Joaquim de Arruda. Tempos mais tarde, Bartholomeu de Arruda Botelho obteve outra Sesmaria, a do Bom Jardim do Salto, em Constituição, depois denominada Piracicaba. Com a sua morte em 1815, foi seu filho, Carlos José Botelho, o herdeiro das terras do Pinhal, delimitando a Sesmaria do Pinhal em 1831. Carlos José Botelho faleceu em 1854, deixando para seu filho, Antonio Carlos de Arruda Botelho, uma parte das terras da Fazenda Pinhal. Nessa época era casado com Francisca Theodora Coelho, mãe do seu primeiro filho, Carlos José Botelho.

Antonio Carlos de Arruda Botelho foi um monarquista e conservador, seguindo sempre a carreira política; foi Juiz Municipal e Presidente da Câmara de Araraquara, Inspetor de Estradas, Deputado Provincial, condecorado com a Ordem da Rosa, Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional, Barão, Visconde e Conde do Pinhal, senador na Constituinte até 1893. Participou da fundação de três bancos, abriu e formou várias fazendas e fundou a Casa Comissária Arruda Botelho na cidade de Santos.

Com a morte de sua esposa, Francisca Theodora Coelho, Antonio Carlos de Arruda Botelho ficara disponível para um segundo casamento. Em uma de suas viagens a Rio Claro, numa Semana Santa, conheceu Anna Carolina de Mello

9 As informações a respeito da Fazenda Pinhal foram retiradas do livro *A Casa do Pinhal*, de Margarida Cintra Gordinho (1985).

Oliveira, filha do Visconde e da Viscondessa de Rio Claro. Segundo Gordinho (1985: 81), os passos seguintes já estavam predestinados. *“Descobriu que lhe conhecia o pai, com quem já fizera negócios e decidiu visitá-lo para expor suas intenções. O partido agradou a Gica Retórica; tratava-se de um homem de boa família, sério e trabalhador. Apesar de viúvo, com trinta e seis anos e um filho pequeno, seria um bom marido para Anninha que, aos vinte e dois anos ainda solteira, começava a preocupar a família”* (grifos de MAMS).

No Brasil, segundo o olhar dos viajantes do século XIX, o acordo matrimonial ainda estava nas mãos do pai, e as moças tinham que obedecer aos interesses familiares. Anna Carolina casou-se aos 22 anos, o que para a sociedade da época era incomum, pois a maioria das mulheres casava-se aos 13 anos de idade. Anna Carolina era descendente de uma família ilustre de Rio Claro, o seu pai, José Estanislau de Oliveira, era filho do professor de retórica Estanislau José de Oliveira e sua mãe Elisa de Mello Franco, nascida na Alemanha, era filha do conhecido médico Dr. Justiniano de Mello Franco e de Anna Carolina Overbeck. Com a decisão do casamento tomada pelo pai, Anna Carolina se dedicou ao enxoval, *“(…) bordou ela mesma com capricho, em cada peça de roupa, as iniciais do marido, marcando com prazer sua submissão à propriedade dele”* (Gordinho, 1985: 52, grifos de MAMS). O vestido de noiva fora confeccionado por ela mesma.

Tais representações são produzidas no contexto da dominação masculina e pelas diferenças de gênero. A submissão imposta a Anna Carolina pelo seu marido se enquadra no conjunto das relações sociais de gênero predominantes à época. Segundo as interpretações da autora acima aludida, o prazer de bordar as iniciais do marido em cada peça de roupa significa que ela aceitava a relação de dominação. Assim, para Samara e Matos (1997: 72) *“(…) definir os poderes femininos permitidos por uma situação de sujeição e de inferioridade significa entendê-los como uma reapropriação e um desvio dos instrumentos simbólicos que instituem a dominação masculina, contra o seu próprio dominador”*. Este fato é conhecido pelo marianismo, explicativo da exclusão da mulher na esfera pública e sua conseqüente fixação no lar submetendo-se à dominação das relações impostas pelo patriarcado.

Segundo Gordinho (1985), após o casamento, em Rio Claro, o casal seguiu para a Fazenda Pinhal. Ao chegar, Anna Carolina logo se decepcionou com a casa, por ser desolada e sem nada à sua volta. Como queria arrumar a casa, contra a vontade do marido, mandou um escravo a Rio Claro para trazer plantas e

sementes de flores para plantar ao redor da casa. Antonio Carlos acabou gostando do jardim, cedendo dois escravos para o serviço do pomar que, até hoje, estão lá para serem desfrutadas as alamedas das jabuticabeiras, das mangueiras e das touceiras de bambus.

Ainda, seguindo o relatado por Gordinho, como Anna Carolina tinha muita dedicação e cuidado com a casa, perfumava-a com flores do jardim e braseiro com folhas de alfazema e açúcar. Esse ritual era para o prazer de receber os hóspedes e aromatizar a casa por causa da criação de gado na Fazenda. A dedicação ao lar, conforme Michelle Perrot, é uma acumulação de lembranças para as mulheres. Assim, Anna Carolina, expressava a sua individualidade e o seu sentimento dentro de casa, e segundo Anna Blandina de Sousa Aranha a roupa em sua casa era “*primorosamente lavada, passada e cuidada, sempre perfumada*”¹⁰. Por meio da individualidade, as mulheres, como Anna Carolina, encontravam um meio de expor a sua vida na casa e nas roupas, respondendo, assim, afirmativamente, às expectativas em relação ao comportamento feminino, e, mais exatamente, ao papel que uma mulher de elite deveria desempenhar naquele momento.

A Fazenda Pinhal sempre foi o lar da família, administrado por Anna Carolina, segundo Gordinho. Ela era muito ativa e cuidava para que os afazeres fossem cumpridos, “(...) e sempre seguiu o exemplo de sua mãe de zelar pelos escravos” (Gordinho, 1985: 62). Conhecia bem as doenças e para tratamento delas consultava o seu Chernovitz, o livro de medicina utilizado por toda mulher fazendeira, como afirma Marina Maluf.

O ato de cuidar também era e é característico das mulheres. Em razão das dificuldades da época, das doenças e da falta de saneamento, conseguir criar os filhos saudáveis, limpos e educados era muito difícil. Anna Carolina conseguiu todos esses afazeres e com muita dedicação. As crianças estudavam desde pequenas, principalmente, o estudo da língua alemã, por causa da ascendência familiar. O papel das mulheres era o de socializar os filhos e zelar pelo espaço doméstico. Para Marina Maluf, os encargos tornam visível o trabalho da mulher fazendeira e a sua importância na produção cafeeira. São vários os trabalhos e as responsabilidades que aquelas mulheres desempenhavam, como Anna Carolina, eram enfermeiras, professoras, donas de casa, mães, administradoras da fazenda e, principalmente, não remuneradas. Podemos constatar que para Anna Carolina, e também outras mulheres fazendeiras da época, a casa era um local de inúmeras tarefas e responsabilidades sociais, ou seja, uma verdadeira

10 Depoimento de Anna Blandina de Sousa Aranha, Arquivo Pinhal, gaveta 9.

empresa doméstica. São inúmeras as descrições relativas à confecção de doces, geleias, conservas de carnes, polvilho, além dos cuidados com a roupa (lavar, passar, engomar, bordar, costurar).

Em 1888, Anna Carolina e Antonio Carlos comemoraram suas bodas de prata na Fazenda Pinhal. O tempo foi passando e os dois juntos viram a família crescer, em especial, o nascimento da primeira neta, Sarah, em 1891. No ano de 1901, Antonio Carlos fez sua última viagem de negócios, vindo a falecer no dia 11 de Março. Numa quarta-feira de 5 de Novembro de 1941, Anna Carolina completou 100 anos de vida, e segundo um jornal da época, “(...) a sociedade brasileira comemorou o Centenário de uma das figuras femininas de mais relevo na vida de São Paulo do Segundo Império”¹¹. A Condessa do Pinhal viveria ainda mais quatro anos.

Nesta rápida biografia da Condessa, percebe-se que a preocupação da autora de *A casa do Pinhal* era a de produzir sua imagem, segundo os atributos do gênero feminino, destacando-se sua feminilidade, sua candura, sua dedicação ao marido, filhos e à casa, sem contar que na época da escravidão era considerada como uma espécie de *madrinha dos negros*, imagem que mascarava a situação real vivida pelos negros escravos.

“(...) Anna Carolina levantava-se frequentemente às três da manhã e ia para o pátio tratar dos negros a caminho do eito. ‘Machucaduras purulentas e outros males que não carecem da enfermaria’ eram tratados ali mesmo. Em seguida ia para a horta e para o pomar, onde distribuía as tarefas do dia. Examinava a comida dos escravos antes de ser levada para a roça pelos carroções de boi. Preocupada em verificar pessoalmente ‘se não se esqueceram de colocar um prego enferrujado para ferver junto com o feijão’, mezinha que então se imaginava ser excelente fortificante. Como só ela sabia contar as roupas, algumas horas do dia eram dedicadas a transformar enormes pilhas de tecidos em calções, camisas, batas para o batalhão de escravos. As tardes eram dedicadas à farmácia e à enfermaria. ‘Recebe sempre de São Paulo vários medicamentos em pó (...). Numa balancinha apropriada, dosam-os, inserindo-os em delicadas cápsulas, pois nem sempre as ervas do mato resolvem casos mais graves’. Para a cura destes Anna Carolina se socorria do Chernovitz, dicionário médico que funcionava como uma espécie de vademécum da saúde pelas famílias de então. ‘Conhecedora do rico poder

11 BALTASAR DA SILVEIRA, Alfredo. *O Centenário duma bandeirante*, Jornal do Brasil, 5-11-1941, Rio de Janeiro: 6.

medicinal das plantas, dedica alguns dias do mês na preparação das tinturas a utilizar na medicina caseira. Ipeca para a tosse dos adultos; cajuzinho do campo como depurativo; xarope de poejo para a tosse dos recém-nascidos (...). O campo e o mato fornecem-lhe o material necessário para acudir os males da escravaria”. (Aranha, sd: 80-81. Apud Maluf, 1995: 245).

A experiência da cura dos corpos dos escravos estende-se àquela de parteira. Vale a pena citar ainda outro excerto do livro de Marina Maluf.

“É da bisneta Maria Amélia¹² a lembrança recolhida de um difícil parto da escrava Cedenilha, feito por Anna Carolina de Arruda Botelho na ‘maternidade-senzala’ da Fazenda Pinhal. Diante da impossibilidade de fazer nascer a criança e aliviar as dores da mãe, a fazendeira ordenou Ao marido, Manuel, que a amarrasse. ‘Vosmecê é quem manda, Sinhá! – e assim dizendo passa uma corda em volta do tórax da mulher’ e com a ajuda de outro escravo lança uma das pontas ‘por cima de uma viga do telhado (...). Cedenilha é içada no ar’. Uma curiosa entra e coloca no chão, bem debaixo do corpo da parturiente suspensa, uma calça enrolada do pai ‘a fim de tirar o quebranto e chamar o bebê’. Sinhá dá o sinal e os homens ‘afrouxam a corda e deixam a pobre mulher cair repentinamente quase até o chão. A força do baque começa a agir, mais um arranco e o corpo do bebê surge por entre rouca gritaria (...). Com faca de bambu cortam o cordão umbilical (...). para evitar infecção, queimam o corte com o cabo de colher de sopa, aquecida ao fogo’. Anna Carolina dispensa o pai e trata de cuidar da paciente: ‘Para retira-lhe a placenta aperta-lhe a barriga de alto a baixo com uma concha de feijão e, enquanto lida, dá ordens às ajudantes que retirem do fogo nove brasas bem acesas e as depositem em meio copo de água. Assim que se apagarem tornem a jogá-las no fogão para que se reacendam’. Cedenilha toma a ácida beberagem e depois é banhadas em chá de cabelo de milho para evitar eventuais hemorragias. Sinhá ainda ordena às outras escravas encarregadas da criança que no dia seguinte torrem flor de taboas, soquem bem, e depois polvilhem o umbigo do bebê, para secá-lo rapidamente”. (Aranha, s/d: 174-175. Apud Maluf, 1995: 246-247).

Ainda que a memória seja da bisneta da Condessa, conferindo-lhe, portanto, um ar maternal em relação aos seus escravos, os excertos citados dão conta da importância do ato de cuidar para a reprodução física deles, sobretudo, levando-se em conta seu alto preço nesse período que antecede a abolição. Não

12 Maria Amélia Arruda Botelho de Souza Aranha.

é exagero afirmar, portanto, que tal ato contribuía sobremaneira para a reprodução do capital da Fazenda Pinhal. Às condições favoráveis para a acumulação capitalista nesse momento, dentre elas, a abundância de terras férteis, soma-se o trabalho da mulher fazendeira evitando as doenças e mortes dos escravos, os quais eram também meios de produção para o capital cafeeiro. Assim sendo, as condições de produção acham-se imbricadas às condições de reprodução. A permanência da Condessa na casa grande cuidando de 300 escravos, por meio da supervisão da comida, da confecção de roupas, da saúde e também dos nascimentos, traz à luz um aspecto ainda pouco analisado pelos estudiosos da acumulação dos capitais no interior paulista desse período histórico. Tais como a terra, os instrumentos de trabalho, os escravos também eram capitais. Outro elemento, aliás, bastante comentado pela historiografia, reporta-se ao absentismo dos homens fazendeiros. As cartas encontradas nos arquivos da Fazenda Pinhal reforçam as ideias acerca da importância do papel da mulher fazendeira para o aumento das riquezas da família.

O material disponível refere-se às cartas trocadas entre Antonio Carlos de Arruda Botelho a Anna Carolina de Mello Franco Arruda Botelho, no período de 1864 a 1901. No total são 203 cartas que foram conservadas por Carlos Amado e sua mulher Brasília, e disponibilizadas por seus filhos. Hoje as cartas foram editadas por outra bisneta da Condessa, Helena Vieira Carvalhosa, sob o título, “*Naninha, aceitai as minhas saudades*”, alusão feita pelo marido no final de suas cartas à esposa (Botelho, 2000).

As informações contidas nas cartas foram tabuladas, contemplando as seguintes variáveis: número da carta, o ano, o lugar do emissor, o deslocamento físico do emissor, o local onde se achava a Condessa, os assuntos privados, os assuntos da Fazenda e as viagens do Conde. Outras fontes foram os depoimentos de parentes, os jornais do Centenário da Condessa, as fotos da família, um baú com pertences de Francisca Nogueira de Arruda Botelho, a Chiquinha, e outras referências esparsas encontradas em livros.

Nas cartas, de modo geral, o que se constatou é o grande período de ausência de Antonio Carlos de Arruda Botelho na Fazenda Pinhal, em razão das inúmeras atividades deste fazendeiro em São Paulo, no Rio de Janeiro, em muitas outras cidades e, até mesmo, fora do país. O período abrangido pelas cartas foi de 1864 a 1901. Das cidades das quais Antonio Carlos escreve, destacam-se Poços de Caldas, onde usufruía do clima e das águas para a sua saúde. Quanto às suas viagens à Europa, as cartas são procedentes de Londres, Roma, Carlsbad, Berlim, Lucerna e Genebra.

Dos assuntos privados, o que ressalta são assuntos referentes ao casal, sendo que em muitas delas, aparece a preocupação de Antonio Carlos com sua própria saúde, como também a dos filhos. Os assuntos referentes à Fazenda Pinhal são de muita importância, porque mostram os encargos administrativos de Anna Carolina devido à constante ausência do marido. No período de 1864 – 1869, oito cartas trataram do assunto referente à Condessa, oito da família, nove do Conde, seis dos encargos administrativos da Condessa, dois de escravos, dois da casa, dois dos trabalhadores da casa, um de imigrantes, dois de negócios, três de política, totalizando um período de 65 dias de ausência da Fazenda. No período de 1870 a 1875, cinco cartas referem-se à Condessa, quatro à família, duas à casa, uma aos negócios, num total de 29 dias de ausência. No período de 1876 a 1881, nove cartas tratam da Condessa, cinco da família, três do Conde, uma dos encargos administrativos da Condessa, uma dos trabalhadores da casa, uma de imigrantes, nove de negócios, duas de política, num total de 43 dias de ausência. No período de 1882 a 1887, são cinco as cartas referentes à Condessa, três à família, uma ao Conde, uma aos encargos administrativos da Condessa, uma aos escravos, uma aos trabalhadores da casa, três aos negócios, duas à política, totalizando 24 dias de ausência. No período de 1888 a 1893, foram 37 cartas relativas à Condessa, 29 à família, 15 ao próprio Conde, 14 aos encargos administrativos da Condessa, uma aos escravos, três à casa, 10 aos trabalhadores da casa, quatro aos imigrantes, 25 aos negócios, cinco à política, totalizando aproximadamente 221 dias de ausência. No período de 1894 a 1899, são 23 cartas que trataram da Condessa, 13 da família, três do Conde, cinco dos encargos administrativos da Condessa, sete da casa, cinco dos trabalhadores da casa, uma de imigrantes, 19 de negócios, três de política, sendo 130 dias de ausência. No período de 1900 a 1901, foram nove cartas à Condessa, quatro à família, quatro ao Conde, três aos escravos, uma aos imigrantes, três aos negócios, num total de 36 dias de ausência.

A quantificação das atribuições relativas aos encargos administrativos, aos escravos, aos imigrantes, além da casa e da família, revela outra imagem dessa mulher, escondida pelo véu dos atributos do gênero feminino. Algumas passagens das cartas dão conta destas atribuições.

Na carta de 9 de Junho de 1864, Antonio Carlos pede à Anna Carolina que (...) *diga ao José Carlos que ponha os cavalos de carro no pastinho*¹³ e ainda pede que (...) *não esteja a conservar muitos negros em casa*¹⁴, dizendo que (...) é

13 Carta no 1, Arquivo Pinhal.

14 Carta nº1, Arquivo Pinhal.

*preciso distribuir logo as camisas de baeta para todos eles*¹⁵. Em 18 de Outubro de 1886 ele pede para que ela faça Alfredo “*experimental uma calça dele*”¹⁶. Na carta de 28 de Fevereiro de 1889, ele pede que mande (...) *ao menos oito garrafas como encomenda no dia seguinte para a colônia*¹⁷. Em 2 de Março de 1889, ele lhe pede conselho sobre uma trabalhadora da casa escrevendo (...) *o que lhe parece melhor neste sentido*¹⁸. Na carta de 7 de Janeiro de 1891, ele pede que (...) *diga ao Firmino que um irmão de leite de Marcos tem de mandar pagar-me 16 contos*¹⁹. Em 9 de Janeiro de 1891, ele escreve para que ela veja sobre a sua (...) *mesa de escrever uma carta de Campinas em que fala sobre o assentamento da bomba com moinho de vento em São Carlos*²⁰, e mande a ele. A carta de 27 de Fevereiro de 1894 apresenta uma observação de Antonio Carlos a Anna Carolina em que ela (...) *deve mandar pagar ao Solferino 4.400*²¹.

Anna Carolina, em várias ocasiões, e não só na ausência do marido, se via atribuída de diversas funções de grande importância para a sobrevivência da Fazenda Pinhal como, muitas mulheres fazendeiras, indiretamente dava suporte às atividades de seu marido. Além das atribuições dirigidas à Anna Carolina, ela ainda tinha que responder as reclamações das constantes doenças de Antonio Carlos. As seguintes cartas mostram as dificuldades dele em lidar com suas doenças e, ao mesmo tempo, como insistia em que tais dificuldades fossem também sentidas por ela.

A carta de 27 de Fevereiro de 1865, ele diz que as “*impigens da mão tornaram a aparecer*”²². Em 14 de Junho de 1867, (eu tenho) (...) *estado com aquela defluxão (sic) e catarro de costume*²³. No dia 25 de Janeiro de 1868, as (...) *as pernas desincharam mais na viagem e amanheceram completamente seca*²⁴. Na carta de 3 de Fevereiro de 1868, escreve: (tive) *uma diarréia por 4 ou 5 dias*²⁵, e estava *com cólicas e obrando catarro*²⁶. Em 24 de Janeiro de 1898, dizia que (meu) *pé*

15 Carta nº1, Arquivo Pinhal.

16 Carta nº44, Arquivo Pinhal.

17 Carta nº68, Arquivo Pinhal.

18 Carta nº69, Arquivo Pinhal.

19 Carta nº96, Arquivo Pinhal.

20 Carta nº97, Arquivo Pinhal.

21 Carta nº144, Arquivo Pinhal.

22 Carta nº3, Arquivo Pinhal.

23 Carta nº9, Arquivo Pinhal.

24 Carta nº11, Arquivo Pinhal.

25 Carta nº12, Arquivo Pinhal.

26 Carta nº12, Arquivo Pinhal.

*continua a melhorar, porém muito lentamente*²⁷. Na carta de 19 de Fevereiro de 1901, (ainda estava com) *o pé inchado*²⁸.

Quanto a esta realidade das mulheres fazendeiras de café do final do século XIX e início do século XX, Marina Maluf (1995: 198) afirma que (...) *as tarefas aí desempenhadas encontraram – nas se desincumbindo não só de suas funções complementares, mas muitas vezes trocando e improvisando papéis, alguns deles masculinas, por força das necessidades da fazenda na ausência do marido*. Na Fazenda Pinhal, Anna Carolina, efetuava muitas atividades, tais como: cuidado com os escravos, alojamento a imigrantes, afazeres da casa e a preocupação com o estudo das crianças. Quanto ao trabalho com os escravos, há um depoimento de sua filha Maria Carlota Klingelhöifer, segundo o qual, (...) desde a sua infância via sua “*mãe cortando roupas para os 300 escravos da fazenda e dirigindo inúmeras costureiras; e atendia aos escravos, nunca ocorreu na fazenda uma morte ou nascimento que não contasse com sua presença.*” (Gordinho: 62).

Segundo Perrot, “(...) *a ausência no nível da narrativa se amplia pela carência de pistas no domínio das “fontes” com as quais se nutre o historiador, devido à deficiência de registros primários*” (1989:13). A situação encontrada por esta historiadora foi a mesma deste trabalho, pois foram poucas as fontes documentais concernentes a esta mulher. A deficiência de registros no século XIX é fruto do privilégio do mundo público, política e econômico reservado apenas para os homens. Assim, as mulheres inseriram-se na moda, na aparência, nas roupas e nas atitudes. Os segredos dessas mulheres do passado podem ser encontrados nos arquivos privados que fornecem outras informações. As mulheres foram produtoras desses arquivos preservando as cartas, os diários, os jornais, as fotos, as pinturas e os testamentos. Desse modo, “(...) *é ao mundo mudo e permitido das coisas que as mulheres confiam sua memória*” (idem :13).

Confirmando as palavras desta autora, foi encontrado em meio aos livros e outros registros da Fazenda um pequeno baú, pertencente à Chiquinha, espécie de arquivo privado das mulheres. Este baú é um raro momento de recordação de Anna Carolina, contendo as lembranças de seus descendentes, reproduzidas em pequenas coisas, constituindo-se numa fonte privilegiada de memória, tais como: cartas, cartões, envelopes com gravuras, os quatro primeiros dentes de Chiquinha, uma bíblia pequena, cadernetinhas de anotações, embrulhinhos amarrados com lacinhos de fita e cachos de cabelo, tudo guardado pela filha, Helena Vieiras Carvalhosa. Outra curiosidade da memória de Anna Carolina

27 Carta nº174, Arquivo Pinhal.

28 Carta nº257, Arquivo Pinhal.

é a sua cesta de piquenique inglesa, que ela levava em suas viagens e passeios. Esta cesta pode ser vista na Fazenda Pinhal entre todos os outros pertences do casarão. Na Inglaterra, ainda costuma-se usar esta cesta para passeios pessoais. A memória da mulher está num mundo cheio de coisas, de paixão pelos objetos de estimação. Para Perrot, “(...) a roupa e os objetos, bugigangas, presentes secretos por ocasião de um aniversário ou de uma festa, bibelôs trazidos de uma viagem ou de uma excursão, ‘mil nada’s povoam as cristaleiras, pequenos museus da lembrança feminina” (1989:80).

Muitas fotos da família revelem seu gosto pelo jardim bem cuidado, que fazia parte dos seus afazeres domésticos na fazenda, além de estar sempre rodeada pelos filhos. Há inúmeras fotos nas quais Anna Carolina aparece rodeada de parentes, sempre feliz e sorridente, algo que é visível nas fotos do seu Centenário. Nos limites deste texto, não foi possível analisar estas imagens de acordo com as sugestões da historiadora Miriam Moreira Leite, no entanto, todas elas reproduzem as imagens dos papéis femininos, relativos a casa, filhos e família. Como foi visto, além destes papéis, ela foi uma mulher trabalhadora, que assumiu os encargos administrativos da fazenda durante os longos períodos de ausência do marido.

Uma pequena passagem escrita por uma pessoa da família sobre a Condessa confirma o que foi dito: *Em cima de uma mesinha na sala de jantar, as bombonnières estão cheias para oferecer as visitas.*²⁹ *Todas as manhãs, depois do café ia dar um grande passeio pelo pomar e jardins, sempre acompanhada, e voltava com as mãos cheias de flores, com que ornava a casa e os seus santos*³⁰. *A vida da condessa em tudo tem um fundo de romantismo quando escrevia, sempre dizia, tem feito dias lindo*³¹.

As fontes analisadas, principalmente as cartas, são reconstruções históricas que tratam de construir significados novos, como escreveu Santo Agostinho: *Grande é a potência da memória.* (1980:183). Esta reconstrução recupera a importância do papel das mulheres na sua historicidade. Por meio das cartas foi possível reconstruir o importante papel desempenhado por Anna Carolina, ou seja, retirar o silêncio do seu trabalho e colocá-lo em evidência. Ao contrário do livro dos viajantes sobre as mulheres do Brasil que registravam (...) *o ritmo lento e pouco imaginativo* (Quintaneiro, 1996:167) que elas viviam, Anna Carolina foi uma fazendeira da elite cafeeira que teve grande participação na administração da Fazenda Pinhal, exercendo muitas atividades que extrapolavam o âmbito do privado, do doméstico, propriamente dito.

29 Depoimentos de Anna Blandina de Sousa Aranha, Arquivo Pinhal, gaveta 9.

30 Ibid., gaveta 9.

31 Ibid., gaveta 9.

Algumas palavras finais

Esse artigo procurou trazer aos estudos históricos novas contribuições sobre os sujeitos sociais que, de uma maneira ou outra, são relegados ao mundo mudo ou invisível do conhecimento. Tratou-se de rever a história, principalmente a local, frequentemente, baseada na história dos grandes homens, dos fundadores da cidade, dos grandes feitos. Procurou-se descobrir por trás da história de uma grande fazenda e de uma grande indústria, a história das mulheres, cuja invisibilidade fora até então mantida. No que tange às operárias e trabalhadoras rurais, há estudos sobre suas existências alhures (Silva, 1997; Spindel, 1980; Andriolli, 2006; Silva, 2008, Stolcke, 1986, dentre outros). No entanto, sobre essas trabalhadoras em São Carlos, elas continuam sendo invisíveis para a história.

As descobertas de objetos, aparentemente, sem valor para a grande história – tais como aqueles encontrados no baú da Condessa do Pinhal, o carregamento de barras de gelo às costas pela mulher daquele que foi proprietário de uma importante indústria na cidade –, foram os caminhos e os atalhos encontrados para a construção destas reflexões.

Ademais, o papel exercido por essas mulheres é o testemunho de sua importância para a reprodução ampliada dos capitais empregados, tanto na indústria, quanto na fazenda. O absentéismo dos respectivos maridos era preenchido pela presença ativa na gestão dos negócios e no trabalho duro de Adele, carregando barras de gelo de 25 kg às costas, da indústria Facchina. Ao cuidar da alimentação e da saúde de 300 escravos, Anna Carolina contribuía para assegurar a reprodução dos capitais empregados na compra dos mesmos, cujos preços aumentavam cada vez mais, na medida em que o processo abolicionista avançava. Ainda que as protagonistas dessa história não estivessem vivas, foi possível, por meio de outras falas e interpretações, retirar-lhes o véu encobridor. Os fragmentos de suas experiências, ainda presentes na memória de seus descendentes, revelam as urdiduras do universo feminino de um passado não tão distante do presente, cuja tessitura fora marcada por construções simbólicas derivadas de atributos fundamentados em relações patriarcais. Todavia, a análise empreendida, ao trazer as mulheres para o palco, revelou não a simples submissão à ordem existente, à reprodução dos valores atribuídos e instituídos, porém, um conjunto de práticas que extrapolavam *a feminilidade, o cuidado com as flores, a maternidade, a ociosidade* ... Enfim, outro jeito de ser mulher, ainda que nos vãos da história.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Coletânea Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- ALVIM, Zuleika. *Brava gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920*. 2ª. edição São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ANDRIOLLI, Carmen Sílvia. Nas entrelinhas da história, memória e gênero. Lembranças da antiga Fazenda Jatay (1925-1959). Dissertação de Mestrado, Ciências Sociais, UFSCar, 2006. In: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraTorn.do?select-action=&co_autor+8576. Acesso em 05/01/2012.
- ARANHA, Maria Amélia Arruda Botelho de Souza. Sombras que renascem (memórias de família – costumes de uma época), 1852-1883, sd.
- BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. Nascimento, vida e morte na fazenda. Alguns aspectos do cotidiano do imigrante italiano e de seus descendentes. In: BONI, Luis Alberto De et al. (Orgs.). *A presença italiana no Brasil*. V. II. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovane Agnelli, 1990 a: 337-356.
- BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. Sposarsi nel Brasile: Alguns aspectos da nupcialidade entre imigrantes italianos em terras paulistas. In: BONI, Luis Alberto De et al. (Orgs.). *A presença italiana no Brasil*. V. III. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovane Agnelli, 1990 b: 267-280.
- BOTELHO, Antônio Carlos de Arruda. *Nanninha, aceitei as minhas saudades*. São Carlos: EdUFSCar, 2000.
- CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 2ª. Edição. São Paulo: T. A. de Queiroz, 1981.
- DEAN, Warren. *Rio Claro; um sistema de grande lavoura 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Instituto de estudos Sociais, econômicos e Políticos, 1991.
- GORDINHO, Margarida Cintra. *A Casa do Pinhal* São Paulo: C. H. Kanapp, 1985.
- HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café; café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LORENZO, Helena Carvalho. Origem e crescimento da indústria na região “Araraquara/ São Carlos” 1900-1970. Dissertação de Mestrado, Sociologia, FFLCH, USP, 1979.
- MADUREIRA, Maria de Anunciação. A Diversificação das atividades urbanas em São Carlos face à cafeicultura. Dissertação de Mestrado, Ciências Sociais, FCL,UNESP/ Araraquara, 1989.
- MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MARTINS, José de Souza. *Conde Matarazzo. O empresário e a empresa*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1976.

- MILLIET, Sérgio. *Roteiro do café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história econômica do Brasil*. São Paulo (Coleção departamento de Cultura), 1939.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, 9, Ago./ Set. 1989.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PRIORE, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. (Org.). São Paulo: Contexto e Edunesp, 1997.
- QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos de Mulher*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SAMARA, Eni de Mesquita e Soihet, Rachel e MATOS, Maria Izilda S. de (Orgs.). *Gênero em debate*. São Paulo: EDUC, 1997.
- SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite e LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina de Oliveira (Orgs.). *Falas de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999, p. 21-55.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. De colona a bóia-fria. In: PRIORI, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. (Org.). São Paulo: Contexto e Edunesp, 1997: 554-578.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Greve na fazenda. In: PESSANHA, Delma Neves e SILVA, Maria Aparecida de Moraes (Org.). *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil*. Brasília: NEAD, MDA. São Paulo: Edunesp, 2008: 207-232.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes e APPOLINÁRIO, Andréia Peres. Memória silenciada. *Cadernos CERU*. Série 2, N. 16, 2005: 69-92.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes e DIAS, Janaína. Nas fendas da escravidão: crime e suicídio em São Carlos do Pinhal. *Raízes*, V. 21, N. 2, Jul/dez., 2002: 212-226.
- SOIHET, Rachel. . Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas. In: SAMARA, Eni de Mesquita e Soihet, Rachel e MATOS, Maria Izilda S. de (Orgs.). *Gênero em debate*. São Paulo: EDUC, 1997: 53-82.
- SPINDEL, Cheywa. *Homens e máquinas na transição da economia cafeeira*. Rio de Janeiro; paz e Terra, 1980.
- STOLCKE, Verena. *Cafeicultura, homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- THOMSON, Edward Paul. *A miséria da teoria*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- TRUZZI, Oswaldo. *Café e Indústria: São Carlos, 1850-1950*. São Carlos: Edufscar, 2000.
- TRUZZI, Oswaldo. Primórdios da Atividade Industrial entre imigrantes italianos em São Carlos. In: BONI, Luís Alberto De et al. (Orgs.). *A presença italiana no Brasil*. V. II. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovane Agnelli, 1990: 377-383.

Recebido em: 07/03/2012

Aceito em: 13/04/2012

Como citar este artigo:

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Encontrando as mulheres nos vãos da história. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 2, n. 1, jan-jun 2012, pp. 131-157.